

Iolanda Évora

## Diáspora e os 30 anos de independência de Cabo Verde

Apresentado na Feira do Livro de Lisboa a 04 de Junho de 2008  
Cabo-Verde foi o país convidado

*O CEsA não confirma nem infirma  
quaisquer opiniões expressas pelos autores  
nos documentos que edita.*

Surpreenderia a maioria dos cabo-verdianos saber que aquilo que vivemos e designamos como diáspora não corresponde às definições mais clássicas sobre a diáspora, que se referem a experiências migratórias seculares que mobilizam populações numericamente significativas e com uma sólida experiência de trocas e mobilidade de muito tempo.

Mas há autores que defendem que, para o termo ser fecundo, deve ser utilizado de forma neutra e não ser reservado apenas para certas populações cuja qualidade social é enobrecida: a troca, no caso dos comerciantes, os intelectuais; a antiguidade da civilização (no caso dos gregos, chineses ou dos indianos) ou a amplitude da catástrofe original (no caso dos judeus, arménios ou palestinianos)

Esses autores dizem que, para ter valor, deve ser aplicado a todas as populações dispersas que mantêm ligações, qualquer que seja o seu prestígio.

Ao contrário, os cabo-verdianos, em geral, parecem não ter dúvidas de que somos uma diáspora e foi durante os últimos anos que o termo se consolidou entre nós, passando a definir um aspecto importante da sociedade e da sociabilidade cabo-verdianas. Diáspora passou a designar-nos como colectividade histórica que, com a sua dispersão em diferentes organizações políticas (ou por causa dessa mesma dispersão, na minha opinião), mantém uma referência a uma identidade colectiva e formas de solidariedade entre si.

Considero, a este propósito, que seria uma reflexão interessante perceber como é que, nos últimos anos, o termo vem servindo para juntar aquilo que os termos clássicos, Emigração e Imigração, insistem em manter separado, como se não fosse uma única pessoa a realizar todo o processo. E creio que o debate seria facilitado pela forma como as diferenças entre *o dentro* e *o fora* vão se esbatendo num mundo cada vez mais próximo em muitos sentidos.

### **Alguns aspectos essenciais desse fenómeno**

Como há necessidade de sermos telegráficos nas nossas apresentações, gostaria de deixar uma indicação de que, em tempos ainda de nacionalismos (porque falamos da independência, o marco, por excelência do nacionalismo), o fenómeno da diáspora deve ser examinado naquilo que pode assinalar de:

- diferenciação progressiva das populações que estão dispersas;
- manutenção das trocas e solidariedades objectivas e simbólicas entre as populações;

- carácter mais ou menos mítico da referência comum, entendendo-se que o mito faz parte da realidade mais objectiva das experiências sociais;

A ênfase no termo diáspora nos últimos anos está de acordo com a tendência contemporânea de assim designar todas as formas de migração ou de dispersão mas, a massificação do uso do termo quando referido à migração cabo-verdiana e a Cabo verde também, dá-nos ideia de quão complexo se tornou o fenómeno migratório cabo-verdiano, com muitos actores e grupos que têm olhares, posições e interesses diferentes dentro e fora da diáspora;

a) Os que pertencem à diáspora não são mais apenas aqueles grupos que marcaram a emigração original cabo-verdiana. Só para listar algumas novas inserções:

- Há os que estão na imigração há muito tempo;

- Os que sempre tiveram a emigração na sua família e quando saíram, o fizeram protegidos dentro de uma rede sólida de conhecimentos e contactos no exterior;

- Novos grupos que passaram a emigrar. Por exemplo, há um grupo ainda pouco referenciado e muito pouco estudado constituído por pessoas com escolaridade, pertencentes a grupos razoavelmente favorecidos em CV e que, nos anos de 1980 e 1990, emigraram, em número significativo, sobretudo para os EUA.

- Há os novos grupos criados na imigração, ou seja, se em lugares de imigração como Portugal, é bastante clara a reprodução de hierarquias e posições de origem, a realidade em outros pontos da nossa diáspora permite-nos apontar, com mais clareza, para os novos rearranjos entre as pessoas que na imigração constroem novas alianças com os conterrâneos, consolidando novos contornos de solidariedade e caboverdianidade;

- Há, ainda, as novas mobilidades promovidas entre lugares de imigração. Por exemplo, entre França, Holanda, Itália e Portugal, uma parte dessa mobilidade foi impulsionada, originalmente, por casamentos entre “italianas” e os cvs fixados nos outros países.

Este exemplo mostra como o grupo que constitui a diáspora procura formas de equilíbrio com a mobilidade dos seus membros dentro da rede: onde há mais oportunidades, onde o mercado da parceria de género deve intervir para reestabelecer o equilíbrio, etc.

- Ainda sobre os novos grupos, tem-se dado maior destaque à chamada **2ª geração** (esse termo é polémico e não consensual) mas, é preciso aprofundar melhor também sobre um

grupo de que pouco se tem falado: os cabo-verdianos transnacionais, ou seja, aqueles que, sobretudo no caso europeu, percorrem vários países e não podemos afirmar que são imigrantes de um lugar apenas pois, desenvolvem iniciativas importantes para a constituição de economias até agora consideradas subterrâneas mantendo um incessante vai-e-vem de “formigas” e ao invés de gerirem negócios localmente, abrem entrepostos ao longo do espaço, suportados pelas redes. Adquirem, assim, maior eficiência comercial mobilizando recursos domiciliares ao longo de todo o percurso e formando uma colectividade móvel que é uma parte importante da diáspora porque promove o funcionamento de inserções à escala transnacional e produz novas proximidades entre os lugares fixos de imigração cabo-verdiana que não mais passam primeiro pelo lugar de origem.

Todos esses grupos (apontei apenas alguns) têm maneiras diferentes de se posicionar em relação à origem, em relação à imigração cabo-verdiana e em relação aos temas que continuam hegemónicos quando se fala de imigração cabo-verdiana: a identidade crioula, a língua, a caboverdianidade, a mestiçagem, etc. temas esses que não saem da agenda da intelectualidade cabo-verdiana cá fora.

- Em síntese, quero chamar a atenção para o facto de que, as múltiplas inserções na imigração provocam modificações nos velhos esquemas comportamentais e revelam transformações nos motivos para a emigração e para as estadias e permanências no exterior (porque é desta última que se trata quando falamos de diáspora)

- As mudanças na diáspora (acima apenas mencionei um dos aspectos) significam novos universos na imigração e novas formas de sociabilidade, distantes do primeiro lugar, da primeira fronteira e das primeiras posições e estratificações sociais (experimentadas na origem e nos primeiros tempos de imigração). Ora, isso exige que, em relação ao lugar de origem, os cabo-verdianos experimentem novas formas de negociação das ideologias e de comportamentos colectivos.

Uma das formas de percebermos como esses processos acontecem é virarmo-nos para os discursos e as performances oficiais dirigidas a partir de Cabo Verde e em direcção à imigração e a diáspora:

- As mudanças nos discursos oficiais confirmam o reconhecimento da consolidação da diáspora nos últimos anos:

- Por exemplo, em relação à ascendência do lugar de origem sobre todos os outros lugares onde a caboverdianidade produz-se e é experimentada, as proposições que tomam Cabo Verde como o lugar primeiro começam a conviver com a noção de que, quando falamos da diáspora, a fronteira mais marcante é aquela que delimita o território do arquipélago em relação a todos os pontos de imigração, como se se tratasse, aqui fora, de um conjunto único que se distingue da origem.

- Por outro lado, a constatação da intensidade das relações transnacionais (entre os diferentes pontos da diáspora) questiona as ideologias do sedentarismo subjacentes à actuação do estado-nação e chama a atenção para as identificações mais fluidas em relação à origem, que convivem com outras identificações e alteridades.

- Curiosamente (e aparentemente, querendo contrariar a noção geradora do estado como defensor do estado-nação e da ligação à terra natal), o discurso oficial parece ter-se dado conta disso e, em certos casos, parece até estar mais adiantado do que outros agentes ligados à migração.

Até em comparação com alguns núcleos de produção de discursos sobre a imigração e a diáspora, que insistem muito na ligação tradicional à terra de origem, parece desenhar-se uma percepção nos círculos oficiais de que não é suficiente repetir os instrumentos que criam uma nação com a diáspora, sejam eles, a língua comum, a construção de uma história comum que é difundida pela escola e pelas instituições académicas, a manutenção de uma memória colectiva através de rituais.

Pelo menos nos discursos oficiais dirigidos à diáspora, já encontramos referências à necessidade dos emigrantes aprofundarem a sua cidadania nos lugares em que vivem, promoverem a melhor integração dos seus filhos, melhorar a formação, construir ambições de sucesso como qualquer outro cidadão nacional, envolver-se nas questões de cidadania do lugar e do país onde moram, enfim, um discurso de integração e de compromisso e responsabilidade, a longo prazo, para com o lugar onde assentaram raízes.

- A representação oficial de Cabo Verde também percebe que este discurso tem nuances, conforme o lugar da diáspora para onde está a ser emitido: Portugal, Holanda, Estados Unidos da América, São Tomé e Príncipe... Porque, após estes anos, é facto que os diferentes lugares de imigração têm diferentes valores acrescentados para a origem e há uma avaliação interna,

implícita, por exemplo, em relação à qualidade das competências e habilidades que podem ser adquiridas nos diferentes lugares de imigração que compõem a diáspora.

Por conseguinte, esbate-se a ideia de uma homogeneização política e cultural das populações “diaspóricas” muito em voga nos primeiros anos de independência.

*Miguel Vale de Almeida:*

Ao mesmo tempo, o papel da diáspora para Cabo Verde também muda, embora o reconhecimento disto nem sempre seja claro porque, à partida, parece contrariar a ideia de unidade nacional a partir dos elementos tradicionais que sustentam o estado-nação.

Ou seja, se após a independência a diáspora era chamada a participar para tornar o país viável, hoje propõe-se que seja um parceiro (termo muito em voga) inequívoco porque o que o país precisa é de sustentação para promover-se cá fora e conseguir novas inserções internacionais.

A utilidade desse recurso, a diáspora, parece ser inquestionável para os governantes, e é um reconhecimento (que só pode ser implícito) de que há comunidades cuja presença nos lugares de imigração é permanente e, por isso, há que trazer novos benefícios de tal fixação e permanência no exterior. Seria como que um novo tipo de compensação (simbólica) para o país, já que a emigração continua a provocar a maior “sangria” demográfica a Cabo Verde, o que, a longo prazo, pode trazer consequências que ainda não conseguimos antever.

- Será esta nova abordagem da diáspora um reconhecimento da *competência social e relacional* adquirida pelos novos migrantes e que, muitas vezes, assinala uma natureza antagónica das suas redes para com as da oficialidade?

- De qualquer modo, as transformações e o próprio uso interno que fazemos do termo mostram um cenário de transformações:

- o desenvolvimento do fenómeno transnacional entre os cvs;

- a renovação das identidades colectivas em tempos de enfraquecimento dos estados-nação;

- novas exigências em relação à legitimação do estado-nação;

- o aparecimento de novos agentes na imigração (os lugares tradicionais de acolhimento são residências fixas para uns e etapas do percurso de outros).

Há novos protagonistas, novos agentes que não estão entre os agentes-chave das ideologias nacionais que são reproduzidas aqui fora.

- Características da diáspora nos novos tempos:

- Densificação e consolidação das comunidades que assentam raízes no exterior;

- Novas formas de circulação de bens materiais e imateriais. (Por exemplo, a Internet é um lugar muito importante onde a diáspora se faz “acontecer”);

- Os lugares são diferentes, participam de forma diferente na constituição da diáspora e, por conseguinte, para compreendermos o saber-circular dos cabo-verdianos e a forma de atravessar espaços e normas, não é suficiente fazermos apenas uma justaposição das observações locais (das realidades dos diferentes lugares), mas da forma como, em cada lugar e entre os lugares, se articulam novas sedentariedades e novas mobilidades em relação à origem e aos outros lugares da diáspora.

Em síntese, quis aqui trazer alguns aspectos que orientam uma reflexão sobre o facto de que, se a diáspora sofreu transformações ao longo destes 30 anos, ao mesmo tempo, mantém-se como diáspora somente porque contribui para a protecção da dimensão política da existência colectiva (dos cabo-verdianos).

Os povos têm maior possibilidade de se manter em forma diaspórica, quer dizer, de preservar os laços apesar da dispersão, quando elaboram uma cultura de diáspora. Mas, se esta cultura liga-os à origem, também é específica, ligada aos lugares de imigração e voltada para as suas vidas nesses lugares.

Durante estes 30 anos, a sociedade cabo-verdiana no arquipélago transformou-se, as comunidades no exterior também se transformaram e consolidaram a sua permanência e, ainda, há novos migrantes a circular.

São mudanças como estas que exigem um reposicionamento em relação àquilo que contribui para dar um sentido trágico, portanto, político, à consciência histórica de Cabo Verde e dos cabo-verdianos dispersos. Portanto, as mudanças ao longo destes anos significaram novos posicionamentos em relação àquilo que define a nação: a memória das mortes pelas secas, da colonização e da formação da nação.



A história já mostrou que o mito é uma realidade objectiva e que pode ser muito eficaz (o mito de terra-mãe, do lugar do qual se sai para se poder voltar), mas a palavra diáspora torna-se dominante entre nós porque os símbolos e signos que são criados *entre lugares* e afectam toda a sociedade diaspórica, incluindo a sociedade nacional, ou seja, durante estes 30 anos, sem dúvida que a diáspora consolida-se, para Cabo Verde, como um lugar, por excelência dos principais produtos comuns para a comunidade cabo-verdiana, trazendo subversão à ordem que pensa a nação e impondo um reconhecimento sem precedentes de novas bases para a ideia da supremacia do lugar de origem como o lugar primeiro e último das nossas vidas.

## **O CEsa**

*O CEsa é um dos Centros de Estudo do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa, tendo sido criado em 1982.*

*Reunindo cerca de vinte investigadores, todos docentes do ISEG, é certamente um dos maiores, senão o maior, Centro de Estudos especializado nas problemáticas do desenvolvimento económico e social existente em Portugal. Nos seus membros, na maioria doutorados, incluem-se economistas (a especialidade mais representada), sociólogos e licenciados em direito.*

*As áreas principais de investigação são a economia do desenvolvimento, a economia internacional, a sociologia do desenvolvimento, a história africana e as questões sociais do desenvolvimento; sob o ponto de vista geográfico, são objecto de estudo a África Subsariana, a América Latina, a Ásia Oriental, do Sul e do Sudeste e o processo de transição sistémica dos países da Europa de Leste.*

*Vários membros do CEsa são docentes do Mestrado em Desenvolvimento e Cooperação Internacional leccionado no ISEG/"Económicas". Muitos deles têm também experiência de trabalho, docente e não-docente, em África e na América Latina.*

## **Os autores**

*IOLANDA ÉVORA*

*Iolanda Maria Alves Évora- Psicóloga Social pela Universidade de São Paulo, Brasil, investigadora associada do Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento (Cesa,Iseg), ao abrigo do Programa Ciência 2008 da Fundação para a Ciência e Tecnologia de Portugal (FCT). Desde 1998 conduz trabalhos de investigação sobre dimensões psicossociais da migração cabo-verdiana, primeiro realizando investigação sobre as mulheres de origem cabo-verdiana em Itália e, mais recentemente, sobre transnacionalismo, processos associativos em contexto migratório e concepções e discursos sobre a diáspora cabo-verdiana dentro e fora do arquipélago. No campo da saúde/imigração tem estudado, nomeadamente, aspectos das percepções e atitudes dos jovens face ao VIH/Sida. Recentemente, participa de equipas de investigação sobre processos organizativos em contextos de trabalho informal como as feiras e mercados no Brasil, Guiné-Bissau e Cabo Verde. Lecciona disciplinas de Psicologia Social e Organizacional e Metodologia Qualitativa em licenciaturas e mestrados do ensino superior no Brasil, em Cabo Verde e em Portugal.*

***Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento***  
*Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG/"Económicas")*  
*da Universidade Técnica de Lisboa*

*R. Miguel Lupi, 20                      1249-078 LISBOA                      PORTUGAL*  
*Tel: + / 351 / 21 392 59 83              Fax: [...] 21 397 62 71              e-mail: cesa@iseg.utl.pt*  
*URL: <http://www.iseg.utl.pt/cesa>*